

CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO IMAGINÁRIO

Gláucia Boratto R. de Mello*

A metodologia

Norteando uma nova orientação epistemológica, a *mitodologia*, tal como a desenvolveu e denominou o seu criador, o filósofo e antropólogo francês Gilbert Durand, começa a ganhar espaço e a atenção de estudiosos e pesquisadores de várias áreas de pesquisa sobre o imaginário.

Fugindo aos cânones da "moderna ciência ocidental", sedimentada pelo racionalismo cartesiano e pelo positivismo comtiano, a *mitodologia* emerge como uma tentativa de abordagem científica que considera o elemento espiritual e coletivo na concretude da realidade imediata.

De orientação mais holística, abertas para a cultura como um todo, a teoria e a metodologia de G. Durand já circulam com traduções para o português, espanhol, romeno, inglês, alemão, húngaro e japonês, há três décadas, e começam a ser melhor conhecidas no Brasil, trazendo significativa contribuição para a interpretação dos fenômenos sociais, incluindo-se as práticas pedagógicas.

* Mestre em Antropologia, é pesquisadora no Laboratório do Imaginário Social e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LISE-FE/UFRJ).

Corn efeito, partidário da interdisciplinaridade e contrário ao dualismo filosófico que contrapõe o materialismo ao subjetivismo, através da teoria que desenvolveu, Durand ratifica a retórica da imagem simbólica e reabilita a dimensão dos arquétipos e a força diretiva dos mitos, pois que, segundo ele sustenta, o imaginário não é, como ainda se pensa, uma vaga abstração, uma vez que segue regras estruturais, com vistas a uma hermenêutica.

Ao final de 15 anos de pesquisas, Durand sistematizou uma classificação dinâmica e estrutural das imagens e propôs uma teoria que leva em conta configurações constelares de imagens simbólicas, a partir de arquétipos (símbolos universais) — as *estruturas antropológicas do imaginário* — e uma metodologia apoiada em um "método crítico do mito", a *mitodologia*, que envolve duas formas de análise: a *mitocrítica* e a *mitanálise*.

Diferentemente de um estruturalismo formal, estático, quantitativo, à maneira do de Lévi-Strauss, Durand situa os seus métodos de análise no *pós-estruturalismo*, por um "estruturalismo figurativo", que leva em conta as *homologias* (e não as analogias) *qualitativas* e *dinâmicas* dos *sentidos dos símbolos*.

A noção de Mito há muito subestimada, enquanto relato fantasioso, ganha, nesta corrente epistemológica, uma grande vitalidade, aberta já pelos trabalhos de antropólogos, historiadores das religiões e etólogos como G. Dumezil, M. Eliade, J. Caze-nueve, Geza Róheim, J. Hillman, C. Baudouin, P. Diel, R. Mucchielli, R. Callois, J. Danos, H. Desroches, H. Corbin e o próprio Lévi-Strauss. Revalorizando a sua importância, Durand vê o mito como o *último fundamento teoricamente possível de*

explicação humana, um alicerce de conteúdo arquetípica, passível de procedimento analítico. É da operacionalização do conceito de mito que ele desenvolve a sua mitodologia.

Para Durand, o *mito* constitui-se por um arranjo de símbolos e arquétipos que se dispõem em um discurso segmentável em *mitemas*¹, discurso este relativo ao Ser, onde está investida uma crença que propõe realidades instaurativas.

A mitodologia durandiana entende que o *Imaginário* seja a *referência última de toda a produção humana através da sua manifestação discursiva, o mito*, e sustenta que *o pensamento humano move-se segundo quadros míticos*. Desta forma, Durand afirma que, *em todas as épocas, em todas as sociedades existem, subjacentes, mitos que orientam, que modulam o curso do homem, da sociedade e da história*. Daí que a *mitodologia durandiana* se proponha a desvelar estes que são os grandes *mitos diretivos*, responsáveis pela dinâmica social ou pelas produções individuais representativas do imaginário cultural, localizado no tempo e no espaço.

A responsabilidade ou a presença de um mito diretivo nas manifestações culturais pode ser flagrada através da redundância de determinados *mitemas obsessivos*: mitemas que se repetem de forma recorrente, através da organização dos símbolos.

Considerando que os *símbolos*, ao contrário dos *signos*, não são nunca um dado *a priori* e que apontam para múltiplos e anta-

Um *mitema* é a menor unidade de sentido de uma narrativa mítica.

gônicos sentidos possíveis, é pela recorrência ou redundância significativa que o seu sentido privilegiado deverá ser apreendido no texto ou contexto em que aparece, através de uma coerência e homologia internas de um Sentido que lhes é inerente; noutras palavras, pela redundância, estes símbolos permitem-se ser classificados, pois apontam para um mesmo sentido.

A mitocrítica

Mitocrítica é um termo que G. Durand forjou em 1970, a partir do modelo da *Psicocrítica*, de Charles Mauron. O método psicocrítico de Mauron apoiou-se num levantamento dos trabalhos dos psicanalistas que se tinham debruçado sobre as Obras de Arte e foi desenvolvido num livro — *Des Méthaphores Obsédantes au Mythe Personnel: Introduction à la Psychocritique*, Paris: J.Corti, 1962. Trata-se de um ensaio metodológico em que o analista selecionou as metáforas obsessivas — grupos de imagens que voltam de maneira obsessiva — e tenta, psicanaliticamente, interpretá-las através do Mito Pessoal do autor. A noção da *mitocrítica* de Durand foi desenvolvida "para significar o emprego de um método de Crítica Literária (ou artística), em sentido estrito ou em sentido ampliado, de crítica do discurso que centra o processo de compreensão no relato de caráter 'mítico' inerente à significação de todo e qualquer relato".

A *mitocrítica* requer, pois, necessariamente, um "texto-cultural"², admitindo-se que o texto contém sempre, assimilado, no

Entendido no seu sentido mais amplo, este "texto", que pode ser oral ou escrito, deve ser passível, no entanto, de ser escrito.

centro de si, um "ser grávida", "um fundamento que interessa". Cabe aqui a lembrança de Durand de uma cara expressão sartriana que diz: "um texto olha-nos e é o que num texto nos olha que é o seu núcleo"; esse núcleo pertence ao domínio do mítico e interessa à mitocrítica.

O método mitocrítico visa à *imagem literária*, principalmente. Com um papel privilegiado na transmissão do Imaginário, a imagem literária é veiculada através da literatura escrita ou oral, de forma indireta. O discurso literário está muito próximo do mito pelo fio diacrônico na narrativa que apresenta, por uma necessidade de redundância, através da temporalidade e pela facilidade da predição. A linguagem mítica é, pois, uma linguagem literária.

Os *mitemas*, constitutivos da narrativa mítica, são "pontos fortes", repetitivos e permitem a análise sincrônica, enquanto *leitmotiv* da narrativa. Eles tendem a se intensificar, a se precisar, a tornar-se cada vez mais significativos à medida que se repetem. Um mitema pode ser um motivo, um tema, um objeto, um cenário mítico, um emblema, uma situação dramática, etc. Mitemas e mitos admitem uma enorme diversidade de *variantes*, a partir de um padrão de mito clássico, que dão conta da diversidade e particularidade culturais.

A *mitocrítica*, num sentido mais amplo, é um método de crítica de texto literário, de estilo de um conjunto textual de uma época ou de um determinado autor, que põe a descoberto um núcleo mítico, uma narrativa fundamentadora e o(s) mito(s) que atua(m) por detrás dela. Ela desvela, por detrás de uma leitura superficial, um nível de compreensão maior que se alinha com os grandes mitos clássicos.

Para a identificação dos mitemas e do mito diretivo do "texto cultural", Durand estabelece três momentos:

1ª) um levantamento dos "elementos" que se repetem de forma obsessiva e significativa na narrativa e que constituem as sincronias míticas da obra;

2º) um exame do contexto em que aparecem, das situações e da combinatória das situações, personagens, cenários, etc;

3º) a apreensão das diferentes lições do mito (diacronia) e das correlações de uma tal lição de um tal mito com as de outros mitos de uma época ou um espaço cultural determinados.

Pode-se dizer que o mito vai se definindo a partir da organização de símbolos e de um *quorum* de mitemas, pois o mitema é um "átomo mítico" de natureza estrutural.

Segundo Durand, os mitemas podem se manifestar, e semanticamente atuar, de dois modos diferentes:

1º) de modo *patente* — repetido de forma explícita e de conteúdo homólogo;

2º) de modo *latente* — repetido de forma implícita, pela intencionalidade.

Enfim, de acordo com as palavras do *pai da mitocrítica*, ela "evidencia, num autor, na obra de uma época e dum meio dados, os mitos diretivos, regentes, e suas transformações significativas. Possibilita mostrar como tal traço de caráter pessoal do

autor contribui para a transformação da mitologia epocal dominante ou, ao contrário, acentua tal ou tal mito instituído. Mostra também que cada momento cultural tem certa densidade mítica onde se combinam e se embatem [...] mitos diferentes. A *mitocrítica* tende a extrapolar o texto ou o documento estudado, a ampliar para lá da 'obra de civilização' rumo à detecção, pelas 'metáforas obsessivas', do que Mauron chamara em *Psicocrítica*, o 'Mito Pessoal' que rege o destino individual; mas a *mitocrítica*, pois que todo 'mito pessoal' é um 'mito coletivo' vivido num/por um ideário, tende a ampliar rumo às preocupações sócio-histórico-culturais. E assim pede, como coroamento, uma *mitanálise*, que está para um momento cultural e para um dado conjunto social, como a *Psicanálise* está para a *psyche* individual".

Noutras palavras, enquanto a *mitocrítica* está centrada na análise dos mitos de "textos culturais"; a *mitanálise*, mais abrangente, estende sua análise ao contexto social, como um todo, no sentido de apreender os mitos vigentes diretivos de uma dada sociedade, num período de tempo relativamente extenso e delimitado.

A mitanálise

Mitanálise é um termo que G. Durand forjou em 1972, considerando o modelo da *Psicanálise*. Designa um método de análise científica dos mitos, que "tenta apreender os grandes mitos que orientam (ou desorientam...) os momentos históricos, os tipos de grupos e de relações sociais", nas palavras do mestre. Por seu intermédio, procede-se a um desvelamento dos movimentos mí-

ticos nas sociedades, pois a *mitanálise* desloca os métodos da *mitocrítica* para um campo maior: o do aparelho, das instituições ou das práticas sociais; uma abordagem, portanto, que envolve todo o conteúdo antropológico de uma sociedade — não mais um texto mas um *contexto social* que envolve igualmente um reagrupamento de núcleos semânticos.

O pressuposto básico da *mitanálise* é o de que "numa sociedade há mitos tolerados, *patentes*, que circulam, e mitos *latentes*, que não conseguem encontrar meios simbólicos de expressão e que trabalham a sociedade a um nível profundo". No sentido de desvendá-los é que se procede a uma *mitanálise*.

A fisiologia da *mitanálise* durandiana não admite que se formem novos mitos; no entanto, a dinâmica cultural admite um grande número de *variantes* dos mitos clássicos. A dinâmica cultural pressupõe que os mitos desapareçam e ressurgam *ad infinitum*, e a História registra seus avanços e seus recuos.

Em detrimento da causalidade linear, Durand sustenta que os fenômenos humanos são recorrentes, redundantes, e que, antes que uma dialética do tipo hegeliano, ocorre regressos de massas semânticas, que implicam num movimento, numa dinâmica.

A *mitanálise* permite mostrar as camadas míticas que se imbricam e a anatomia de um momento social num grupo, bem como as suas componentes. Segundo Durand, não é apenas um único mito que atua numa sociedade; ela sobrevive através de correntes compensadoras. Os fundadores sociais levam sempre em conta a pluralidade, as oposições e também as complementariedades dessas correntes.

A *mitanálise* requer o exame de todo um aparato social (arte, comportamento, produção institucional, etc), próprio de uma determinada cultura, delimitado por um largo período de tempo (em torno de um século), de onde é possível extrair os grandes esquemas míticos, responsáveis por ela. A *mitanálise* descobre a "alma de um grupo", de uma época, por detrás dos acontecimentos etnológicos, numa coerência significativa profunda.

Durand atesta que, por detrás dos grandes movimentos históricos, houve e há uma arrumação de símbolos e mitos constituintes que representam os desejos da humanidade. Assim é que os mitos motivam os fatos históricos.

O AT-9

Sempre que se fala na *mitodologia durandiana*, reporta-se ao AT-9. Cabe aqui esclarecer que o AT-9 — Teste Arquétipo com nove elementos — foi desenvolvido pelo psicólogo Yves Durand, a partir da sistematização das estruturas antropológicas do Imaginário de Gilbert Durand.

A princípio, a idéia do psicólogo foi elaborar um modelo experimental que submetesse a teoria do antropólogo à prova dos fatos. A experimentação foi empreendida em mais de 10.000 protocolos, para todos os níveis, todas as idades e para os dois sexos, transformados em teste, e seus resultados validaram a teoria do antropólogo, confirmando, sem ambigüidades, a existência das estruturas imaginárias, sistematizadas por aquele, e ainda mostraram-se úteis no campo da Psicopatologia.

A teoria do Imaginário durandiano nos diz que a imaginação humana representa simbolicamente a angústia humana diante da finitude e da iminência da morte. Da mesma forma, cria imagens que triunfam sobre ela, revelando esquemas primários fundamentais.

O AT-9 compõe-se de nove estímulos simbólicos (ou arquétipos) e propõe a elaboração de um desenho e de um relato. Os arquétipos propostos são: uma *queda*, uma *espada*, um *refugio*, um *monstro devorador*, algo *cíclico*, um *personagem*, *água*, um *animal* e *fogo*. Solicita-se do sujeito que faça um desenho com os elementos propostos, recomendando-se que se realize uma síntese e, em seguida, um relato sobre o desenho. Um questionário adicional colhe informações Complementares. Desta forma, obtêm-se um *micro-universo mítico* onde torna-se possível a atualização e a identificação de imagem e sentido relativos à *angústia existencial*, ponto de partida da teoria do antropólogo.

Conforme explicitou Yves, o princípio constitutivo da imaginação consiste em representar, figurar, simbolizar os rostos do Tempo e da Morte, visando a dominá-los, e o desejo fundamental da imaginação humana é a redução da angústia existencial, ligada a todas as experiências "negativas" do Tempo. Em relação àquelas experiências, o autor d'*As Estruturas Antropológicas do Imaginário* destaca, sobremaneira: *a agressividade devoradora, a noite e a água terríficas e a queda catastrófica*.

Assim é que a imaginação representa as imagens do "objeto nefasto", constituído pela Morte e pelo Tempo mortal e, em seguida, CRIA imagens de Vida, que triunfam sobre a Morte, de acordo com as modalidades imaginárias, desenvolvidas por Gilbert.

Desta forma, a *queda* e o *monstro devorador* suscitam o Tempo, a Morte e a Angústia gerai; a *espada*, o *refúgio* e *algo cíclico* propiciam um meio de resolver a Angústia, segundo as três grandes estruturas arquetípicas; a *personagem* cumpre a função de ator central, o herói, em torno do qual será articulado o mito e com o qual normalmente o sujeito se identifica; a *água*, o *animal*, o *fogo* constituem reforço semântico, complementando o universo mítico.

O agrupamento simbólico da *estrutura heróica* dispõe-se em torno de três elementos essenciais: a *personagem*, a *espada* e o *monstro*. O monstro, normalmente hiperbolizado, deverá ser combatido pelo personagem, que se valerá da espada. Os outros elementos integram-se a este cenário, reforçando a atitude heróica. No entanto, nem todas as soluções da série heróica são assim, tão notadamente colocadas; daí que Yves admita categorias heróicas, capazes de hierarquizar esta atitude, tipo: *superheróicas*, *heróico-integradas*, *heróico-impuras* e *heróico-atenuadas*, considerando-se as formas de combate ou até a fuga.

Os agrupamentos da *estrutura mística* denotam uma atmosfera de repouso, de equilíbrio, de harmonia. O personagem não é um herói; ele participa de "espaços" de onde desaparecem as dificuldades existenciais. A estrutura dos temas místicos define-se pela organização do espaço, com o *refúgio* sobremaneira privilegiado, e todos os outros elementos tratados de forma a integram-se coerentemente. Espada e monstro costumam ser desfuncionalizados, emblematizados, ou simplesmente desaparecem. Também esta série admite categorias: *supermísticas*, *místico-integradas*, *místico-impuras* e *lúdicas*.

No agrupamento da *estrutura sintética*, observa-se uma dupla atualização: *heróica* e *mística*, com os elementos organizados em torno do *esquema de retorno*, com o arquétipo do elemento que gira privilegiado, denotando um dinamismo cíclico. Aqui, as séries heróica e mística aparecem: de forma *simultânea*, como no caso da *estrutura sintética bipolar*; ou *alternadas e sucessivas*, ligadas por um relato, geralmente longo e detalhado, como no caso da *estrutura sintética polimorfa*.

Sobre Gilbert Durand

O filósofo e antropólogo Gilbert Durand nasceu em 1º de maio de 1921, em Chambéry, França. Recebeu forte influência de mestres como: Gaston Bachelard, Roger Bastide, C. G. Jung, Henry Corbin, Georges Dumézil, Lévi-Strauss, Lupasco e René Thom, entre outros.

Sobre os seus títulos: graduou-se em Filosofia (1947); doutorou-se em Letras (1959). Foi o criador e primeiro diretor de Ensino Superior de Letras e Ciências Humanas na Sabóia (1947-1970); professor titular (1962) de Sociologia e de Antropologia Cultural na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Grenoble e professor emérito (a partir de 1970) nas mesmas disciplinas e na mesma Faculdade. Fundou (1967) e presidiu o *Centre de Recherche sur l'Imaginaire*, em Chambéry, e o *Groupement de Recherche Coordinée sur l'Imaginaire* (GRECO-CRI) no C.N.R.S. (1982). Foi membro do Comitê Consultivo das Universidades junto ao Ministro da Educação Nacional na França (de 1962 a 1982); membro do Comitê Nacional do C.N.R.S. (de 1980 a 1984); reitor honorário da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da

Universidade de Savoie; vice-presidente do Conselho Francês de Pesquisa e de Estudos sobre a Comunicação e a Informação.

Recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Nova de Lisboa (1980); foi vice-presidente da Universidade Saint-Jean de Jerusalém; membro da Academia de Filosofia do Irã; membro-reitor do Conselho Consultivo do Círculo de Eranos, Ascona (Suíça).

Foi co-fundador dos "Cahiers Internationaux de Symbolisme"; membro do Comitê de Consultores Internacionais da Revista Internacional de Arquitetura "Osicon" (Florença); membro do Comitê de Redação dos "Cahiers de l'Hermétisme"; membro do Comitê Científico da "Revue Française de Communication", em Paris; é professor catedrático na Universidade de Grenoble.

Sobre as suas obras

Entre as mais conhecidas, destacamos:

Les Structures anthropologiques de l'imaginaire. Paris: Bordas, 1960. Com tradução portuguesa: *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.

Le décor mythique de Ia Chartreuse de Parme: les Structures figuratives du roman stendhalien. Paris: J. Corti, 1961.

Figures mythiques et visages de l'oeuvre: de Ia mythocritique à Ia mythanalyse. Paris: Berg International: L'Ile Verte, 1979.

Science de l'homme et traditions. Paris: Berg International, 1979.

L'ame tigrée: les pluriels de psyché. Paris: Denoel: Gouthier, 1980.

Mito, símbolo e mitodologia. Lisboa: Presença, 1982.

A imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1982.

Mito e sociedade: a mitanálise e a sociologia das profundezas. Lisboa: A Regra do Jogo, 1983.

La foi du cordonnier. Paris: Denoel, 1984.

Mitolusismos de Lima de Freitas: pós-modernidade e modernidade da tradição. Lisboa: Perspectivas e Realidades: Galeria Gilde, 1987.

Beaux arts et archétypes: Ia religion de l'art. Paris: P.U.F., 1989.

Considere-se igualmente importantes e conhecidos os seus artigos:

Exploração do imaginário. *Circé*, Paris, Lettres Modernes, n.1, 1969; publicado originalmente em francês, foi traduzido para o português por Hulmo Passos e publicado na revista dos Anais do II Ciclo de Estudos sobre o Imaginário intitulada *O Imaginário e a Simbologia da Passagem*, organizada por Rocha Pitta, D. P., Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1984.

Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica.

Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, FEUSP, v.2, n.1/2, p.243-256, jan./dez. 1985.

Confira-se ainda as obras:

BURGOS, Jean. *Pour une poétique de l'imaginaire*. Paris: Seuil, 1982. Aluno de G. Durand, Burgos desenvolveu, a partir da obra do mestre, uma poética das imagens, voltada essencialmente para a Literatura.

DURAND, Yves. *L'exploration d'imaginaire: introduction à la modélisation des univers mythiques*. Paris: L'Espace Bleu, 1988. Tese de doutorado, onde o psicólogo explicita o AT-9.

Valendo-se da teoria e da metodologia durandiana, vários pesquisadores desenvolveram estudos e pesquisas científicas:

COSTA MELO, Rita M. *Elomar Figueira Mello: uma poética do sertão baiano*. Recife, 1989. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — UFPE.

FRASSON-MARIN, Aurore. *Ítalo Calvino et l'imaginaire*. Genève-Paris: Slatkine: Centre d'Etudes Franco-Italien, Universités de Turin et de Savoie, 1986.

MELLO, Gláucia Boratto R. de. *Caetano Veloso: um estudo de símbolos e mitos*. Recife, 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — UFPE.

OLIVEIRA, Marcio S. B. S. de. *Etude sur l'imaginaire brésilien: le mythe de la nation et la Ville de Brasilia*. Paris, 1993. 715p. Tese (Doutorado) — Université de Paris V.

ROCHA PITTA, Daniele P. *Arte e simbolismo em Pernambuco*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. inédito.

SOUZA, Ladjane M. F. de. *A conversão da desordem: leitura do imaginário de poemas de Murilo Mendes*. Recife, 1992. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) — UFPE.

STRONGOLI, Maria T. *Contribuição para o estudo profundo das estruturas profundas do imaginário infantil*. São Paulo, 1983. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Educação, USP.